

A FORMAÇÃO DIALÉTICA DA TRADIÇÃO LITERÁRIA BRASILEIRA CANÔNICA SOB INFLUÊNCIA MACHADIANA

Laura Martins Ribeiro de Paula - Colégio Portinari Pretoriano - lauramartins2828@gmail.com

ÁREA: Ciências Humanas

RESUMO

A extensão da cultura brasileira ocorreu de forma fragmentada, em contraste com modelos europeus, devido às múltiplas influências externas que marcaram o processo de colonização. Então, essa confluência de elementos resultou em manifestações literárias singulares, configuradas por uma dialética entre a adoção de referências europeias e a necessidade de adaptação à realidade local. Desse modo, ao longo do Período Colonial, a literatura nacional foi marcada por produções de caráter informativo e catequético, refletindo a hegemonia do modelo português. Posteriormente, influências barrocas e neoclássicas mantiveram a dependência em relação ao cânone europeu em descompasso com a busca por uma identidade patriota. Contudo, a literatura brasileira permaneceu permeada pela ideia de atraso em relação às potências da Europa, sendo frequentemente interpretada sob a ótica do subdesenvolvimento. Assim, a figura de Machado de Assis se destaca como ponto de inflexão, ao introduzir em suas obras personagens e temas os quais dialogam com a realidade social, econômica e cultural do Brasil, rompendo com a mera imitação de modelos estrangeiros. Dessa maneira, este trabalho tem como objetivo analisar a formação da literatura nacional, com foco na contribuição de Machado de Assis para a consolidação do cânone literário brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira; Formação; Machado de Assis; Cânone

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da cultura brasileira ocorreu de maneira não linear, quando comparado aos modelos europeus, devido às diversas influências estrangeiras do processo

de colonização (como a imposição da língua) e do contato com os povos escravizados africanos e trabalhadores imigrantes:

“Mas, de outro lado, este tipo de literatura veio atuar em regiões desconhecidas, habitadas por povos de cor e tradição diferentes (no caso do Brasil, primitivos), aos quais se juntaram logo outros povos trazidos da África, aumentando a complexidade do panorama”. (CANDIDO, Antonio, 1989.)

Dessa forma, como resultado dessa mistura, unida ao pensamento dos povos originários do Brasil (o qual sofreu um desmantelamento sistemático), configuraram-se manifestações literárias peculiares, as quais, por anos, foram constituídas por uma dialética fundamental.

Assim, a dialética da produção de literatura no Brasil é formada a partir da tensão entre as influências exteriores ao país, entendidas como modelo a ser seguido, e a realidade brasileira, a qual não se assemelha a tais criações, sendo assim, adaptada de acordo com as características nacionais. Desse modo, as manifestações passam por um processo de preenchimento do molde de escrita lusitano com as características brasileiras, apesar dos temas estranhos ao país. No entanto, o cenário passa a mudar posteriormente, com o início de uma tradição e identidade literária nacional, e apresenta como agente principal, segundo o crítico Roberto Schwarz, o renomado escritor Machado de Assis.

Portanto, este resumo expandido busca traçar o complexo panorama histórico do desenvolvimento desse sistema literário, com o fito de compreender de qual maneira sua constituição afetou a construção do cânone nacional e os resultados da contribuição de Machado de Assis.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia selecionada para a elaboração deste resumo foi a revisão narrativa de literatura. Em um primeiro momento, foi feita uma pesquisa geral dos temas: Formação da Literatura Brasileira, História da Literatura Brasileira e Influência de Machado de Assis na Literatura. Em seguida, a busca foi filtrada para selecionar críticos e teóricos reconhecidos pela Academia, o que resultou em um trabalho referenciado prioritariamente por Antonio Candido e Roberto Schwarz. A pesquisa foi realizada durante o primeiro semestre de 2024,

utilizando os arquivos disponíveis na Biblioteca Florestan Fernandes da Universidade de São Paulo e em plataformas online como o Jstor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A colonização da América, em especial do Brasil, por parte dos europeus, ocasionou a aculturação de diversos povos nativos, através da exploração, evangelização e imposição cultural e linguística. Dessa maneira, a maioria da produção cultural anterior ao período foi perdida ou invalidada, e a preponderância do ideal de cultura torna-se a estética estrangeira. Os primeiros registros literários no Brasil datam do colonialismo, quando os portugueses chegaram ao país no século XVI. Durante a época, a literatura de caráter informativo e catequético era predominante e produzida por jesuítas. Nesse contexto, destacam-se as obras de José de Anchieta, como os autos religiosos, os quais tinham o objetivo de evangelizar os indígenas, e de escrivães responsáveis por descrever a terra recém-descoberta, como Pero Vaz de Caminha. Assim, enquanto a sociedade era composta por colonizadores e explorados, escravizados e iletrados, a composição literária nacional era puramente lusitana, apenas alocada no Brasil.

Ademais, no século XVII, a produção literária no Brasil ainda era limitada, sendo influenciada principalmente pelo barroco europeu. Autores como Gregório de Matos, conhecido como Boca do Inferno, produziram poesias satíricas e críticas sociais. No entanto, essa produção era restrita a uma elite letrada e não representava a diversidade cultural do país. Porém, a partir da chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, ocorreram mudanças na vida cultural do país. A abertura dos portos brasileiros às nações amigas impulsionou o intercâmbio cultural e diversos escritores vieram ao Brasil, trazendo novos ideais e influências estéticas. Esse período é conhecido como o Arcadismo brasileiro, representado por autores como Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, os quais buscavam uma linguagem simplificada e temas bucólicos.

Portanto, Antonio Candido define dois gumes que representam a dialética marcante desse período de produção escrita no Brasil: em primeiro lugar, a imposição cultural do colonizador e, posteriormente, a apreensão dos valores sociais nacionais, ou seja, a adaptação do contexto nacional ao modelo europeu vigente. Logo, a tentativa de equilíbrio da

tensão origina produções como Iracema, de José de Alencar, o qual, tentando valorizar a identidade nativa indígena estereotipada, incorre em uma dupla fidelidade responsável por criar alienação ao não articular os problemas nacionais de fato. O Indianismo e o Nacionalismo, então, apresentam uma imagem da pátria idealizada através dos moldes lusitanos, os quais são, por sua vez, influenciados a partir da visão neoclassicista.

Ou seja, nesse momento ainda não é possível integrar uma tradição literária local, pois o conceito supõe uma consciência de autores e obras anteriores que se relacionam entre si, enquanto o realizado no Brasil foi uma experimentação guiada por um pensamento de outrem. Desse modo, o historiador brasileiro Paulo Emílio discorre sobre o cinema nacional em consonância ao escritor “não somos europeus nem americanos do Norte, mas destituídos de cultura original nada nos é estrangeiro, pois tudo o é” (Cinema: trajetória no subdesenvolvimento, 1996), reforçando como o processo de aculturação foi definitivo e rigoroso na constituição nacional.

A Independência do Brasil, em 1822, possibilitou a criação de um imaginário coletivo de crença em um progresso futuro, como um país novo. Entretanto, na década de 30, o conceito de desenvolvimento passa a ser elaborado, e o posicionamento do Brasil como um país “atrasado”, sem desenvolvimento completo de seu potencial, é estabelecido. Nesse contexto, o ocidente passa a dividir as nações entre desenvolvidas e subdesenvolvidas, a partir de critérios baseados em ideais políticos, sociais e ideológicos da Europa. Então, a branda percepção popular do Brasil enquanto um país inferior, regida por uma tênue esperança de ascensão, entrava em conflito com a rejeição dos ideais de apogeu civilizacional. Desse modo, a fim de amenizar o atraso aparente, as produções usufruíram da valorização da natureza e cor local com alto grau de exotismo, além de traçar diversas perspectivas sobre o futuro.

Porém, a consciência brasileira de sua posição no mundo ocidental apenas se faz brusca e catastrófica na década de 50, quando os romances ocupam um espaço ideológico e político, desmistificando os ideários anteriores. A literatura, portanto, age como um instrumento de descoberta do Brasil pelos próprios brasileiros, conforme indica o professor Antonio Candido: “Não é falso dizer que, sob este aspecto, o romance adquiriu uma força

desmistificadora que precede a tomada de consciência dos economistas e políticos.” (CANDIDO, Antonio, 1989.)

Dessa maneira, o contraste entre o moderno e o precário na literatura, que antes foi elaborado em comparação à realidade europeia e entendido como uma identidade nacional, passou então a ser compreendido, após a década de 50, como uma marca do subdesenvolvimento da América Latina, em comparação à Europa. Então, de certo modo, a constituição da identidade nacional tornou-se evidência de atraso local.

Conforme as reflexões de Pasta Júnior (de um ponto de vista europeu), o romance seria uma construção sem espaço do Brasil, uma ideia fora do lugar, pois a forma em si, a partir dos moldes europeus, pressupõe um homem livre, capitalista e autônomo, em contraste com a sociedade nacional colonial e escravista. Entretanto, o autor também define Machado de Assis como um ponto de divergência dessa tendência, através do romance de formação, o qual propõe uma alteração no sujeito. Dessa forma, o elemento de mudança pessoal evita a formação supressiva e produz o romance, conforme afirma o crítico:

“(...)tudo indica que Machado de Assis, por mais títulos do que se costuma postular, tem mesmo parte ligada com a noção de formação, tal como ela se configurou nestas latitudes. Mais do que ser ele próprio a figura central do processo formativo da literatura, ou o seu ponto de irreversibilidade, o que já seria muito, é bastante provável que em sua obra ele tenha dado corpo pela primeira vez ao modelo da formação (...)” (JÚNIOR, José Antônio Pasta, 2011.)

Além disso, o teórico Roberto Schwarz destaca a figura machadiana na constituição do panorama literário brasileiro por seu caráter fundamental no processo formativo. Essa inserção é levantada por Schwarz ao topicalizar três elementos elaborados na forma de “Memórias Póstumas de Brás Cubas”: a transcrição de um problema histórico, a procura de uma solução e um sacrifício no plano da composição, sendo assim uma forma rígida. Ademais, traços novos de forma estão presentes no enredo, como a intromissão narrativa, a qual demonstra volubilidade dos pontos de vista e denota opiniões pessoais, e a idiossincrasia do personagem narrador.

CONCLUSÃO

Assim, retomando as ideias de Pasta Júnior sobre o local do romance no Brasil, Machado finalmente consegue contemplar o gênero ao inserir personagens no sistema capitalista e ansiosos por autorrealização. Desse modo, ao apresentar Brás Cubas como um burguês culto, inserido no capitalismo, guiado por instintos liberais, enquanto busca uma grande invenção seguida por desilusão, o autor aloca esse indivíduo no contexto brasileiro sob uma perspectiva antes limitada apenas à sociedade europeia do século XIX. Logo, apesar do preconceito racial, Machado de Assis torna-se figura central do cânone literário brasileiro, marcando um momento de mudança e definição cultural nacional.

Entretanto, as problemáticas desse cânone em formação devem ser consideradas e trabalhadas em futuros projetos. A falta de diversidade de gênero, origem e cor dos autores do grupo resulta na restrição da visão de literatura nacional, ao propagar como modelos exemplares homens brancos, burgueses e letrados, em épocas de escravidão e misoginia vigentes. Dessa maneira, escritores como José de Alencar, abertamente adepto da escravização, são alocados em uma estante de exaltação, apesar de seus pensamentos condenados atualmente. Isto é, a existência dessa seleção excludente perpetua as diferenças já presentes na sociedade.

Ademais, a permanência de Machado de Assis no cânone literário brasileiro também pode ser percebida pela influência que exerceu sobre as gerações posteriores de escritores, e sua presença é uma afirmação do valor de sua obra e da importância de sua voz. Em resumo, a situação de Machado de Assis no cânone é de destaque incontestável, como uma figura central na história da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura de dois gumes**. In: _____. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e subdesenvolvimento**. In: _____. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989.

GOMES, Paulo Emílio Sales. **Cinema: trajetória e subdesenvolvimento**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EDUVALE

ISSN 26755734

20 a 24 de outubro de 2025 – Avaré/SP

JÚNIOR, José Antônio Pasta. **Formação supressiva Constantes estruturais do romance brasileiro**. São Paulo, 2011.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.